



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Fotografia e semiótica: percursos metodológicos para análise de imagens¹

João Pedrosa Wanderley Neto²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apresentar uma proposta metodológica para análises semióticas de imagens fotográficas a partir dos conceitos de primeiridade, secundidade e terceiridade desenvolvidos por Charles Sanders Peirce (1999). Para tal, são apresentadas as compreensões de Philippe Dubois (1994) e Walter Benjamin (1955) acerca da fotografia, assim como os fundamentos e conceitos da semiótica peirciana dentre os quais destacam-se a fenomenologia, a tríade semiótica (representamen, objeto e interpretante) e a classificação dos signos a partir dos processos de significação, objetivação e interpretação. Por fim, com base nos conceitos abordados, foi apresentado um exemplo de análise semiótica de fotografia publicada no portal da Revista Veja.

PALAVRAS-CHAVE: análise de imagem; fotojornalismo; metodologia; Peirce; semiótica.

A compreensão da fotografia, no decorrer de sua história, atravessou e atravessa perspectivas distintas a depender dos contextos socioculturais em que se faz presente. Conforme Dubois (1994), a partir de suas relações com as outras artes e com a sua própria práxis, já situou-se academicamente como uma cópia fiel da realidade; como um elemento de interpretação da realidade, isto é, de caráter majoritariamente subjetivo; ou mesmo como um elemento que faz referência a realidade, ou seja, que embora não seja uma imitação da realidade, mantém com ela uma relação existencial para que possa se concretizar.

Logo, ao nos debruçarmos sobre aspectos da trajetória humana, é possível entender que o surgimento de cada um dessas compreensões se deu

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia e Educação”

² Mestre em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB; repórter fotográfico e supervisor de fotografia da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC)/Jornal A União; e-mail: pedrosa.fotografo@gmail.com



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



em determinado momento histórico-cultural. Logo, em um período repleto de influências, diálogos e interações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Em uma primeira perspectiva destacada por Dubois, o entendimento da fotografia como uma cópia fiel da realidade - ou segundo a teoria geral dos signos de Peirce (1999), um ícone - evidencia o aspecto de analogia (analogon) que esta possuía em relação ao objeto real fotografado - um processo discursivo intitulado mimese. No contexto das artes, esta perspectiva acadêmica dialoga com o rompimento entre o papel do artista plástico – aos quais no percurso histórico já lhes foi atribuída a função de reproduzir a realidade em uma perspectiva de mimese – e o papel do fotógrafo. Ou seja, a fotografia estaria a atuar como um emancipador das obrigações dos artistas plásticos em relação à representação do real, tendo em vista que, em detrimento de seus processos mecânicos, esta executaria a tarefa de forma mais fidedigna.

Contudo, por meio do entendimento dos produtos culturais a partir do exercício da subjetividade e práxis humana, outra perspectiva colocou-se acerca da compreensão da fotografia. Portanto, esta corresponderia a uma interpretação e representação que real tendo em vista que seria resultado de um processo técnico – desenvolvido pelo homem – que atua transformando a realidade para, desta forma, registrá-la e transformá-la em um produto cultural. Ou seja, nesta prática atuariam os processos de composição, enquadramento, perspectiva, bidimensionalidade e outras características inerentes da fotografia os quais, portanto, afastariam o entendimento da fotografia do discurso da mimese, da fotografia como cópia da realidade.

Em uma perspectiva que dialoga com seu caráter de mimesis e seu aspecto meramente simbólico, Philippe Dubois parece encontrar uma perspectiva que acolheria as divergências anteriormente citadas: compreender a imagem a partir do discurso da referência. Ou seja, embora não seja uma cópia da realidade, a fotografia não poderia se dissociar dela e, por isto,



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



sempre estaria a fazer uma alusão a uma determinada realidade. Portanto, consolidaria-se a partir de um discurso de referência. Este aspecto, contudo, não negaria a existência de um caráter simbólico da imagem.

Tal foto, com efeito, jamais se distingue de seu referente [do que ela representa]. [...] Diríamos que a fotografia sempre traz consigo seu referente, ambos atingidos pela mesma imobilidade amorosa ou fúnebre, no âmago do mundo em movimento: estão acorrentados um ao outro. (BARTHES, 1984, p. 14/15)

Reforçando a perspectiva da fotografia como um elemento de referência à realidade, Santaella e Nöth (1997, p.148) aponta que “é somente na fotografia que a conexão entre imagem e objeto é existencial, na medida em que ela se originou numa relação de causalidade a partir das leis da ótica”.

Convém destacar que tanto o entendimento pontuado por Dubois (1994) quanto por Santaella e Nöth (1997) dialogam e partem da Teoria geral dos signos desenvolvida por Charles Sanders Peirce (1999) ao longo de seus estudos. Ou seja, embora estabeleçam uma compreensão da fotografia através dos aspectos socioculturais, têm como alicerce a semiótica peirciana. Dessa forma, a partir deste diálogo, Dubois (1994) situa a fotografia como um elemento que insere-se em um contexto de diálogo entre os aspectos de analogia (mimesis), referência e simbologia. “A sua realidade primeira é uma afirmação de existência. A fotografia é primeiramente índice. Somente depois pode tornar-se semelhante (ícone) e adquirir sentido (símbolo)” (p. 47).

Portanto, é a partir deste diálogo entre o percurso da fotografia (através do contexto sociocultural no qual esta se insere) e da semiótica peirciana que este artigo propõe apresentar uma proposta metodológica para análise e interpretação de produtos fotográficos. Para tal, buscou-se resgatar fundamentos da semiótica peirciana, assim como compreender a relevância dos contextos socioculturais nos quais as produções fotográficas estão inseridas para, então, estruturar etapas de um percurso metodológico que facilitem a análise e interpretação das imagens.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



1. Fenomenologia: alicerce da semiótica peirciana

Em seu sentido etimológico, a fenomenologia é formada por duas palavras de origem grega, phainomen e logos, ou seja, o estudo ou ciência dos fenômenos da qual a semiótica peirciana extrai seus princípios. Para Santaella (1983), a fenomenologia compreende a seguinte função:

A Fenomenologia, como base fundamental para qualquer ciência, meramente observa os fenômenos e, através da análise, postula as formas ou propriedades universais desses fenômenos. Devem nascer daí as categorias universais de toda e qualquer experiência e pensamento. Numa recusa cabala qualquer julgamento avaliativo a priori, a Fenomenologia é totalmente independente das ciências normativas (p. 6)

Nesse sentido, foi a partir da fenomenologia que Peirce constitui a semiótica que, segundo Santaella (1983) “tem por função classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis” (p.6). Logo, a semiótica parece invadir todos os outros campos do conhecimento uma vez que se propõe a estudar “todos os tipos de signos, verbais, não verbais e naturais [além de] seus modos de significação, de denotação e de informação” (SANTAELLA e NOTH, 2004, p. 76). Faz-se pertinente compreender que, dentre os diversos objetos de estudo dessa ciência, está a fotografia.

Portanto, através da fenomenologia, Peirce (1999) compreendeu a existência de três aspectos universais e formais nos fenômenos que estão expostos à percepção e à mente humana e que, neste artigo, guiam a proposta metodológica para análise de imagens: a primeiridade a secundidade e a terceiridade.

Quanto ao conceito de primeiridade é possível compreender que este trata da percepção mais superficial dos fenômenos, ou seja, uma sensação que nada sugere (tendo em vista que esta se consolidará apenas na secundidade) e que não foi racionalizada (elemento que apenas a terceiridade nos traria), ou



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



seja, que nada mais é do que uma pura qualidade sensível que se manifesta na consciência humana que nada inferiu, interpretou, relacionou ou sugeriu.

O sentimento como qualidade é, portanto, aquilo que dá sabor, tom, matiz à nossa consciência imediata, mas é também paradoxalmente justo aquilo que se oculta ao nosso pensamento, porque para pensar precisamos nos deslocar no tempo, deslocamento que nos coloca fora do sentimento mesmo que tentamos capturar. A qualidade da consciência, na sua imediatividade, é tão tenra que não podemos sequer tocá-la sem estragá-la. (SANTAELLA, 1983 p.9)

Entretanto, Santaella nos diz que apesar dessa qualidade de sentimento se apresentar apenas no instante de uma impressão incapaz de ser capturada e analisada, dependendo do estado em que nossa consciência se encontra, podemos prolongar esse sentimento a fim de observá-lo. Exemplos como a sensação (ou sentimento) do perfume das rosas, do sabor de um morango, da dor decorrente de um corte representam esses “estados de disponibilidade, percepção cãndida, consciência esgarçada, desprendida e porosa, aberta ao mundo [...] liberta dos policiamentos do autocontrole” (1983, p. 10).

Em relação à segunda categoria da apreensão dos fenômenos na consciência, a secundidade, esta estabelece o vínculo à materialidade ausente à primeiridade. É o “modo de ser daquilo que é tal como é, com respeito a um segundo, mas sem levar em consideração qualquer terceiro” (PIGNATARI, 2004, p. 43), ou seja, é a percepção de um mundo real, no qual estabelece-se um vínculo de ação e reação, mas que se apresenta independente do pensamento, da interpretação, da reflexão.

Ou seja, no estado de secundidade observa-se um conflito entre um fenômeno primeiro e um fenômeno segundo qualquer. Consiste em um estado no qual a consciência reage ao mundo de forma dialética, que dá à apreensão dos fenômenos uma característica factual, de conflito, mas sem qualquer caráter racional ou reflexivo.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Por fim, a terceiridade, segundo Santaella, “aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual [e] corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo” (1983, p. 10). Ou seja, a terceiridade corresponde à interpretação e generalização dos fenômenos em nossa consciência: trata-se da consciência sintética, do pensamento (reflexão) e da mediação.

[A terceiridade] sendo cognitiva, torna possível a medição entre primeiridades e secundidades. Em tudo, sempre haverá algo considerado como começo (primeiro) e algo que pode ser considerado como fim (segundo), mas para conhecer a totalidade precisamos conhecer a relação entre começo e fim – o processo (terceiridade). (PIGNATARI, 2004, p. 45)

É válido ressaltar que essa aproximação entre um primeiro e um segundo, conferida pela terceiridade, corresponde a um pensamento em signos utilizado na representação e interpretação dos fenômenos. Segundo Santaella e Nöth, “diante de qualquer fenômeno [...] a consciência produz um signo, ou seja, um pensamento como mediação irrecusável entre nós e os fenômenos” (2004, p. 11), logo, como pode ser observado, o signo nada mais é do que uma relação triádica que carrega em si os três modos do fenômeno, “o signo é um primeiro [algo que se apresenta à mente], ligando um segundo [aquilo que o signo indica, se refere ou representa] a um terceiro [o efeito que o signo irá provocar em um possível intérprete]” (SANTAELLA, 2005, p.7).

2. Fotografias: signos de relevância social

A partir da compreensão das imagens enquanto signos, convém destacar a pertinência de analisá-las por meio de critérios que contribuam para uma maior complexificação e criticidade. Nesse sentido, a criação e reprodução de imagens – em seus sentidos visíveis e invisíveis segundo Baitello (2006) - constitui uma prática inerente ao homem. Além disso, a partir do momento em que insere-se na sociedade, o ser humano copia gestos, comportamentos, falas, ofícios; ou seja, uma ampla variedade de imagens que estão atreladas ao universo sociocultural no qual se vive.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Das reproduções técnicas – das quais a fotografia faz parte - Benjamin (1955) esclarece que antes que a imprensa fosse capaz de reproduzir tecnicamente a palavra escrita, o desenho tornou-se tecnicamente reproduzível através da xilogravura, seguida pela estampa em chapa de cobre, água-forte e litografia, no começo do século XIX.

Portanto, em decorrência da litografia, as artes gráficas tornaram-se capazes de ilustrar o cotidiano fazendo com que estas se situassem no mesmo nível que a imprensa. Entretanto Benjamin (1955) ressalta um aspecto peculiar com o advento da fotografia no contexto das reproduções técnicas:

A litografia ainda estava em seus primórdios, quando foi ultrapassada pela fotografia. Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, agora cabiam unicamente ao olho. Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral. (p.1)

Através da perspectiva de Benjamin, é possível observar que a fotografia provocou alterações no contexto sociocultural e consolidou-se como um signo de relevância para o homem. Além disso, o processo de reprodução de imagens adquiriu maior velocidade, além de verossimilhança superior ao dos outros processos de reprodução técnica, conferido à fotografia potencial para o estabelecimento de inovações e conceitos desenvolvidos após o seu surgimento.

Dessa forma, compreendida a importância social e cultural da fotografia enquanto signo, faz-se pertinente especificar questões que envolvem a consolidação deste conceito. Logo, para que algo seja signo, primeiramente é necessário que ele represente alguma coisa, no caso, o seu objeto. Isso não quer dizer que o signo será o objeto, mas que o substitui a fim de representá-lo de certa forma e em certa capacidade. Ou seja, uma fotografia de um morango, um desenho de um morango ou uma escultura de um morango são todos



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



signos do objeto morango, entretanto, em cada um deles o objeto está representado de forma distinta.

É preciso observar que a representação do objeto através do signo é feita para um intérprete e, durante esse processo, produz em sua mente um outro signo (ou quase-signo) chamado interpretante. Logo, a partir dos pontos acima ressaltados, pode-se chegar, segundo Santaella (2001), às seguintes compreensões:

(1) o signo é determinado pelo objeto, ou seja, o objeto causa o signo, entretanto (2) o signo representa o objeto, o que lhe dá o caráter de signo; (3) o signo representa algo, contudo é determinado por aquilo que ele representa; (4) o signo só pode representar o objeto parcialmente, ou seja, ele representa o objeto de certo modo e de certa forma; (5) o signo pode representar o objeto falsamente; (6) representar o objeto implica ao signo a capacidade desse afetar uma mente, ou seja, produzir algum tipo de efeito nela; (7) o efeito produzido é chamado de interpretante; (8) o interpretante é imediatamente determinado pelo signo e mediadamente pelo objeto, ou seja, (9) o objeto também ocasiona o interpretante, mas apenas por meio da mediação do signo; (10) o signo é uma mediação entre o que ele representa (o objeto do signo) e o efeito que ele produz (o interpretante do signo), da mesma forma que (11) o efeito que ele produz (o interpretante do signo) é uma mediação entre o signo e um outro signo futuro. (SANTAELLA, 2001, p. 43)

Portanto, ao abordar o signo – como estrutura triádica – observa-se que nele já estão incluídos o seu fundamento (propriedade do signo que o possibilita funcionar como tal), o seu objeto e seu interpretante - funcionando segundo os princípios da fenomenologia peirceana, ou seja: o fundamento do signo é um primeiro (primeiridade), o objeto do signo é um segundo (secundidade) e o interpretante do signo é um terceiro (terceiridade).

3. Tipos de signos a partir da significação, objetivação e interpretação

Segundo Santaella (2005, p.5-9), o signo pode ser analisado em si mesmo, nas propriedades que lhe são internas, isto é, no seu poder de significar (significação); em sua referência àquilo que ele indica, representa ou



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



se refere (objetivação); e nos tipos de efeitos que ele está apto a produzir nos seus intérpretes (interpretação).

3.1. Significação

Na significação, ocorre a relação do signo consigo mesmo, ou seja, da natureza do seu fundamento (que são os aspectos que possibilitam o signo a funcionar como signo). Essa natureza pode ser sua qualidade, sua existência concreta ou seu caráter de lei.

Os tipos de fundamentos são: uma qualidade, por exemplo, uma luz fosca e acinzentada que, em uma apreensão muito distraída que eu tenho dela, chega através da janela; um existente, por exemplo, a tela do computador que tenho diante dos meus olhos, respondendo aos comandos, aqui e agora; uma lei, por exemplo, as palavras que aparecem na tela do computador, como réplicas de tipos reais, isto é, de leis que serão interpretadas como significando o que elas significam. (SANTAELLA, 2001, p. 50)

Através da natureza do fundamento dos signos, Peirce (1999) atribuiu conceitos para cada um deles: para os signos cuja natureza são as suas qualidades, chamou-os de quali-signos, para os signos cuja natureza são seus existentes, de sin-signos, e finalmente, para os signos cuja natureza são leis, de legi-signos. É válido observar que esses conceitos não são excludentes – afinal, elas seguem os princípios fenomenológicos: em nível primeiro os quali-signos, em segundo os sin-signos e em nível terceiro os legi-signos. O que ocorre é a evidência de um deles em determinado signo.

Segundo Peirce (1999), os quali-signos e sin-signos podem ser definidos da seguinte forma:

Um qualissigno é uma qualidade que é um signo. Não pode atuar como um signo até que se corporifique; mas esta corporificação nada tem a ver com seu caráter de signo; um sinsigno [...] é uma coisa ou evento existente e real que é um signo. E só pode ser através de suas qualidades, de tal modo que envolve um qualissigno ou, melhor, vários qualissignos. (p. 52)



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Já os legi-signos podem ser compreendidos como “uma lei que é um signo [normalmente] estabelecida pelos homens” (PEIRCE, 1999, p. 52), ou seja, algo de natureza geral e convencionada a partir das relações humanas.

3.2. Objetivação

Quanto ao processo de objetivação, nele ocorre a relação do fundamento do signo com o seu objeto, ou seja, o que ele representa. Da mesma forma que na significação, também na objetivação são retomadas as categorias relacionadas ao fundamento, ou seja, a qualidade, a existência e o caráter de lei; pois, segundo Santaella (2001, p. 50), “só qualidades podem sugerir, só existentes podem indicar e só leis podem representar” os objetos do signos. A partir dessa perspectiva, na relação com o objeto, os signos foram divididos em ícones, índices e símbolos.

Quando o fundamento do signo for um quali-signo, na relação com o seu objeto ele será um ícone, elemento este que consiste em “um signo que se refere ao objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui quer um tal objeto realmente exista ou não” (PEIRCE, 1999, p. 52). Ou seja, na relação em nível primeiro que o fundamento possui com o objeto, quando esse fundamento for um quali-signo, ele será um quali-signo icônico – signo que sugere seu objeto em detrimento da similaridade que possui com esse. Essa relação pode ser melhor compreendida através de um exemplo:

Quando a cor azul-clara lembra o céu ou os olhos azuis límpidos de uma criança, ela só pode lembrá-los porque há uma semelhança na qualidade desse azul com o azul do céu ou dos olhos. O ícone só pode sugerir ou evocar algo porque a qualidade que ele exhibe se assemelha a uma outra qualidade. (SANTAELLA, 2005, p.17)

Logo, o objeto de um ícone sempre será uma possibilidade “do efeito de impressão que ele está apto a produzir ao excitar o nosso sentido”, por isso mesmo, qualquer qualidade – que atribui fundamento ao ícone – pode ser



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



substituída por qualquer coisa que com ela se pareça, “daí os ícones serem capazes de produzir em nossas mentes as mais imponderáveis relações de comparação” (SANTAELLA, 1983, p. 14).

Quando o fundamento do signo for um sin-signo, na relação com o seu objeto ele será um índice, que consiste em um signo que “se refere ao objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse objeto” (PEIRCE, 1999, p.52) e que “está existencialmente conectado com um objeto que é maior do que ele - a fotografia de uma jovem como índice, isto é, parte de sua existência presente ou passada” (SANTAELLA, 2001, p.51). Logo, na relação que o fundamento de um signo possui com um objeto, quando esse fundamento for um sin-signo, ele será um sin-signo indicial – signo que deve ser compreendido no seu caráter existencial como parte de um outro que já existente, ou seja, que para ele aponta e que dele faz parte. Exemplos de índices nos ajudam a compreender seu conceito:

O girassol é um índice, isto é, aponta para o lugar do sol no céu, porque se movimenta, gira na direção do sol. A posição do sol no céu, por seu turno, indica a hora do dia. Aquela florzinha rosa forte, chamada "onze-horas", que só se abre às onze horas, ao se abrir, indica que são onze horas. (SANTAELLA, 1983, p. 14)

É válido ressaltar que o todo índice residem ícones, afinal, os quali-signos estão presentes em todos os signos (segundo a lógica da primeiridade, secundidade e terceiridade); entretanto, o que atribui o caráter de índice a determinado signo é o destaque do seu caráter existencial, ou seja, o fato deste signo apontar e indicar para o seu objeto – elemento do qual o ícone também faz parte.

Por fim, quando o fundamento do signo foi um legi-signo, na relação com seu objeto ele será um símbolo, que consiste em “um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de idéias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto” (PEIRCE, 1999, p.52). Dessa



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



forma, na relação que o fundamento de um signo possui com um objeto, quando esse fundamento for um legi-signo, ele será um legi-signo simbólico – signo que “extrai seu poder de representação porque é portador de uma lei que, por convenção ou pacto coletivo, determina que aquele signo represente seu objeto” (SANTAELLA, 1983, p. 14). O exemplo a seguir ilustra este signo:

Se o fundamento do símbolo é uma lei, então, o símbolo está plenamente habilitado para representar aquilo que a lei prescreve que ele representa. O hino nacional representa o Brasil. A bandeira brasileira representa o Brasil. A Praça dos três poderes, em Brasília, representa os três poderes. Convenções sociais agem aí no papel de leis que fazem com que esses signos devam representar seus objetos dinâmicos. (SANTAELLA, 2005. p. 20)

3.3. Interpretação

Na interpretação ocorre a relação do fundamento do signo com o seu interpretante. Assim como nos processos de significação e objetivação, as bases fenomenológicas da semiótica norteiam o processo de interpretação categorizando seus tipos de signos através do caráter qualitativo, existencial e de lei. São encontrados três níveis de interpretantes: o rema, o dicente e o argumento.

Acerca do primeiro, o rema, “se o fundamento for uma qualidade, o objeto do signo só pode ser sugerido, iconizado, e gerar como interpretante uma hipótese ou conjectura, isto é, um interpretante remático” (SANTAELLA, 2001, p. 51); ou seja, consistirá em um quali-signo icônico remático. Para Peirce (1999, p. 53), acerca do conceito de rema, este o compreende como “um signo, que para seu interpretante, é um signo de possibilidade qualitativa, ou seja, é entendido como representando essa ou aquela espécie de objeto possível”.

Santaella (2005) traz um exemplo que expressa melhor o esclarecimento do signo remático:



**VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS**



Quando a qualidade é tomada como signo de uma outra qualidade sob efeito de alguma comparação, essa operação é sempre hipotética. Por exemplo, quando dizemos que uma nuvem tem a forma de um castelo, essa comparação não passa de uma conjectura. Como se pode ver, se temos diante de nós quali-signos icônicos, eles só podem produzir interpretantes remáticos. (p. 26)

Partindo-se para o segundo tipo de interpretante, tem-se o dicente, signo que é característico por sua existência real. Conforme Peirce (1999, p 53), o dicente é um signo “que para seu interpretante, é um signo de existência real” e que, por isso mesmo não pode ser um ícone, já que este último não dá base para ser interpretado como algo que faz referência a um elemento que existe de fato.

Logo, segundo Santaella (2001, p.51), se um sin-signo for o fundamento de um signo, o objeto dele só pode ser indicado e resultar como interpretante um dicente, ou seja, uma proposição que corresponde a uma prova de existência e ligação física do signo em relação ao objeto e que surge na mente do intérprete: portanto, um sin-signo indicativo dicente.

Por fim, em terceiro tipo de interpretante, está o argumento que corresponde a um signo de lei, ou seja, signo que “é entendido como representando seu objeto em seu caráter de signo” (PEIRCE, 1999, p. 53) o qual consiste em uma sequência lógica. São justamente esses sequenciamentos lógicos pertencentes ao argumento que conferem bases para que ele seja compreendido como tal. Portanto, “se o fundamento for um legi-signo, o objeto do signo só pode ser representado, simbolizado e gerar como interpretante um argumento, quer dizer, uma sequência lógica de premissas e conclusão” (SANTAELLA, 2001, p. 51) o que corresponderá a um legi-signo simbólico argumentativo.

É válido ressaltar que as tríades citadas acima (do signo em si mesmo, do signo em relação ao seu objeto e do signo em relação ao seu interpretante) são as mais conhecidas de Peirce: em seus estudos foram estabelecidas outras relações entre os tipos de signos das tríades – o que resultou em 10



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



classes de signos – além de ter delineado novas tríades ao inserir os outros elementos pertencentes à estrutura do signo (objeto imediato, interpretante imediato) resultando em 10 tríades e em 66 classes de signos. Contudo, para fins práticos, observaremos as fotografias com base nas três classes de signos mais difundidas: o quali-signo icônico remático, o sin-singo indicativo dicente e o legi-signo simbólico argumentativo.

Portanto, através da perspectiva das relações de significação, objetivação e interpretação, também podemos observar a relação triádica das três classes mais conhecidas de Peirce – segundo Santaella (2001) – por meio do seguinte esquema:

Tabela 1: Etapas de apreensão dos fenômenos e classificação dos signos

	Significação	Objetivação	Interpretação
Primeiridade	Quali-signo	Ícone	Rema
Secundidade	Sin-signo	Índice	Dicente
Terceiridade	Legi-signo	Símbolo	Argumento

Fonte: SANTAELLA, 1983, p. 13 (adaptada)

4. Aplicação dos métodos de análise semiótica de fotografias

A fim de exemplificar a proposta metodológica abordada neste artigo, escolheu-se uma dentre as 10 imagens eleitas como as melhores do ano pelos leitores do site da revista *Veja* em 2010. As fotografias representam uma retrospectiva do referido ano e, por isso, presume-se estarem repletas de sentidos sociais, políticos e econômicos. A escolha da fotografia analisada foi realizada de forma aleatória. Em sua legenda apresenta o texto “Movimentação de soldados do Exército no alto do Complexo do Alemão, na zona norte da cidade, Rio de Janeiro”, as informações de que foi publicada no dia 26 de novembro de 2010 e de que tem como autor o fotógrafo Wesley Santos.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Em relação à análise propriamente dita, destaca-se que por ser uma fotografia, como revela Philippe Dubois (1994, p. 47), o caráter indicial da imagem provavelmente apresentaria maior relevância que os demais. Contudo, apesar dessa compreensão, a análise não se ateve apenas a estes aspectos. A partir dos elementos teóricos abordados nos tópicos anteriores deste artigo, buscou-se observar as manifestações das três classes de signos: quali-signo icônico remático, o sin-singo indicativo dicente e o legi-signo simbólico argumentativo.

Figura 1: Movimentação de soldados do Exército no alto do Complexo do Alemão



Fonte: Wesley Santos/Folhapress/VEJA

Na imagem acima, as três classes de signos merecem destaque: a dos quali-signos icônicos remáticos, dos sin-signos indicativos dicentes e dos legi-signos simbólicos argumentativos. A seguir, as classes de signos foram analisadas a partir de cada uma das etapas de apreensão dos fenômenos (primeiridade, secundidades e terceiridade) e suas respectivas relações com as categorias de significação, objetivação e interpretação conforme a tabela 1.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



4.1. Quali-signos icônicos remáticos

Quali-signos (primeiridade e significação): a presença de quali-signos pode ser observada através dos soldados com suas armas em cima do caminhão do exército. O camuflado esverdeado das roupas dos soldados atribui a esses elementos da imagem o potencial de sugerirem o que parecem ser: soldados do exército. O mesmo acontece com o armamento e o veículo, pois suas formas e colorações – além das demais qualidades existentes – possibilitam a essas imagens serem associadas a armas e a um caminhão. Ou seja, os quali-signos correspondem às potencialidades que determinados elementos têm de representar algo, embora, em um primeiro momento, não se saiba exatamente o que.

Ícones (secundidade e significação): no tocante ao signo em relação ao objeto, compreende-se este como um ícone e, portanto, percebe-se que os soldados, o caminhão e as armas são assim associados aos seus objetos em detrimento da relação de semelhança que possuem com eles; ou seja, as armas da foto são assim compreendidas porque se parecem com armas de fato. O mesmo acontece com os soldados e com o caminhão – assim são entendidos em detrimento do alto grau de similaridade que possuem com seus objetos.

Remas (terceiridade e significação): acerca do signo em relação ao interpretante, observando-se o caráter de rema dos soldados, das armas e do caminhão, percebemos que estes caracterizam um signo remático devido ao seu aspecto de hipótese. Em outras palavras, o signo do soldado poderia representar qualquer outro elemento, afinal, não há nada que comprove sua relação com algo real (não se levando em conta o caráter fotográfico da imagem) ou que diga, por uma regra geral, “isso é um soldado”. Logo, só é possível compreendê-lo como tal devido a sua semelhança, isto é, o fato dele “parecer” um soldado para maior parte de nós: ocorrência que se dá na mente



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



do intérprete e não mais exteriormente a ele – como acontece na relação do objeto e do signo.

4.2. Sin-signos indicativos dicentes

Sin-signos (secundidade e significação): em razão de tratar-se de uma fotografia e, conseqüentemente, do caráter de existência que os elementos nela presentes possuem, os signos presentes na imagem, entre eles letreiro escrito “mundo feliz”, os soldados, o caminhão e as armas também podem ser compreendidos como sin-signos. Contudo, ainda que não se tratasse de uma imagem fotográfica, desde que os elementos apresentados tivessem relação com a realidade e existissem no mundo de forma a relacionar-se com ele, estes continuariam a ser sin-signos.

Índice (secundidade e objetivação): embora o sin-signo apresente o caráter de existência, apenas no nível do signo em relação ao objeto, isto é, no índice, é que esse potencial indicativo se consolida. Neste sentido, a presença do caminhão indica a existência de uma rua, o letreiro “mundo feliz” indica a existência de uma construção na qual ele se situa, as armas apontadas por alguns dos soldados indicam a existência de um alvo.

Dicente (secundidade e interpretação): a nível de interpretação, o dicente corresponde a uma proposição que garante a existência de determinado signo, nesse sentido é possível deduzir a existência de uma rua porque carros trafegam em ruas, a existência de um alvo porque armas são apontadas para alvos, a existência de um prédio porque letreiros costumam fazer parte da fachada de grandes construções.

4.3. Legi-signos simbólicos argumentativos

Legi-signos (terceiridade e significação): dentre os legi-signos simbólicos argumentativos presentes na imagem podem ser citadas as expressões faciais dos soldados, as suas vestes e o nome “mundo feliz”.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Atendo-se apenas ao legi-signo propriamente dito, este pode ser notado de forma mais evidente através da frase “mundo feliz” tendo em vista que a sua compreensão está atrelada ao conhecimento de uma regra, isto é, das normas e termos da língua portuguesa.

Símbolo (terceiridade e objetivação): dentre os signos presentes, as fardas dos soldados atuam como símbolos do Brasil, de patriotismo ou mesmo de bravura. Destaca-se que tais compreensões podem ser geradas em detrimento de uma convenção social que estabeleceu esta relação.

Argumento (terceiridade e interpretação): argumentos são desencadeados por uma sequência lógica de premissas que levam a determinadas conclusões. Nesse sentido, os signos da imagem oferecem possibilidade diversas, dentre elas pode-se citar a compreensão de uma relação contraditória e irônica entre expressões faciais ríspidas dos soldados e um letreiro colorido com uma aparência infantil com a mensagem “mundo feliz”; e a percepção de um mundo no qual a guerra, representada pelas armas e soldados, e a paz, representada pelo letreiro, acabam por ocupar um mesmo espaço.

Considerações finais

Embora propostas de análises de imagens já estejam consolidadas na literatura, este trabalho buscou ampliar as possibilidades de aplicação do uso da semiótica peirciana a partir de uma perspectiva dos processos de significação, objetiva e interpretação. Neste sentido, por meio do uso de etapas metodológicas, espera-se contribuir na facilitação da análise de fotografias sob uma perspectiva de uma lógica da apreensão dos fenômenos, isto é, das categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade.



VII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
1 a 3 de Outubro de 2024
CONTANDO HISTÓRIAS, COLECIONANDO MEMÓRIAS



Referências

BAITELLO Jr., Norval, A Era da Iconofagia. Hacker Editores, São Paulo, 2006.

BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In Textos escolhidos: Benjamin, Horkheimer, Adorno, Habermas (Os Pensadores) (2ª ed.). São Paulo: Abril. 1955/1983

DUBOIS, Phillipe. O Ato Fotográfico, Campinas, Papyrus, 1994.

PEIRCE, Charles Sanders 1999. Semiótica (The Collected Papers of Charles Sanders Peirce). São Paulo: Perspectiva, Coleção Estudos.

PIGNATARI, Décio. Semiótica e literatura, São Paulo: Ateliê Editorial. 2004

SANTAELLA, Lúcia. Matrizes da Linguagem e pensamento: sonora, visual e verbal. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____, Lúcia, O que é a Semiótica, São Paulo, Editora Brasiliense, 1983; _____, Lúcia. Semiótica Aplicada, São Paulo, Editora Thomson, 2005.

SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. Comunicação e Semiótica. São Paulo: Hacker. 2004

_____, Lucia e NÖTH, Winfried. Imagem – cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras , 1997.

SITE REVISTA VEJA. As 10 melhores Imagens do Ano. VEJA. 2010. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/galeria-fotos/as-10-melhores-imagens-do-ano/>>. Acesso em: 15 fevereiro de 2022.